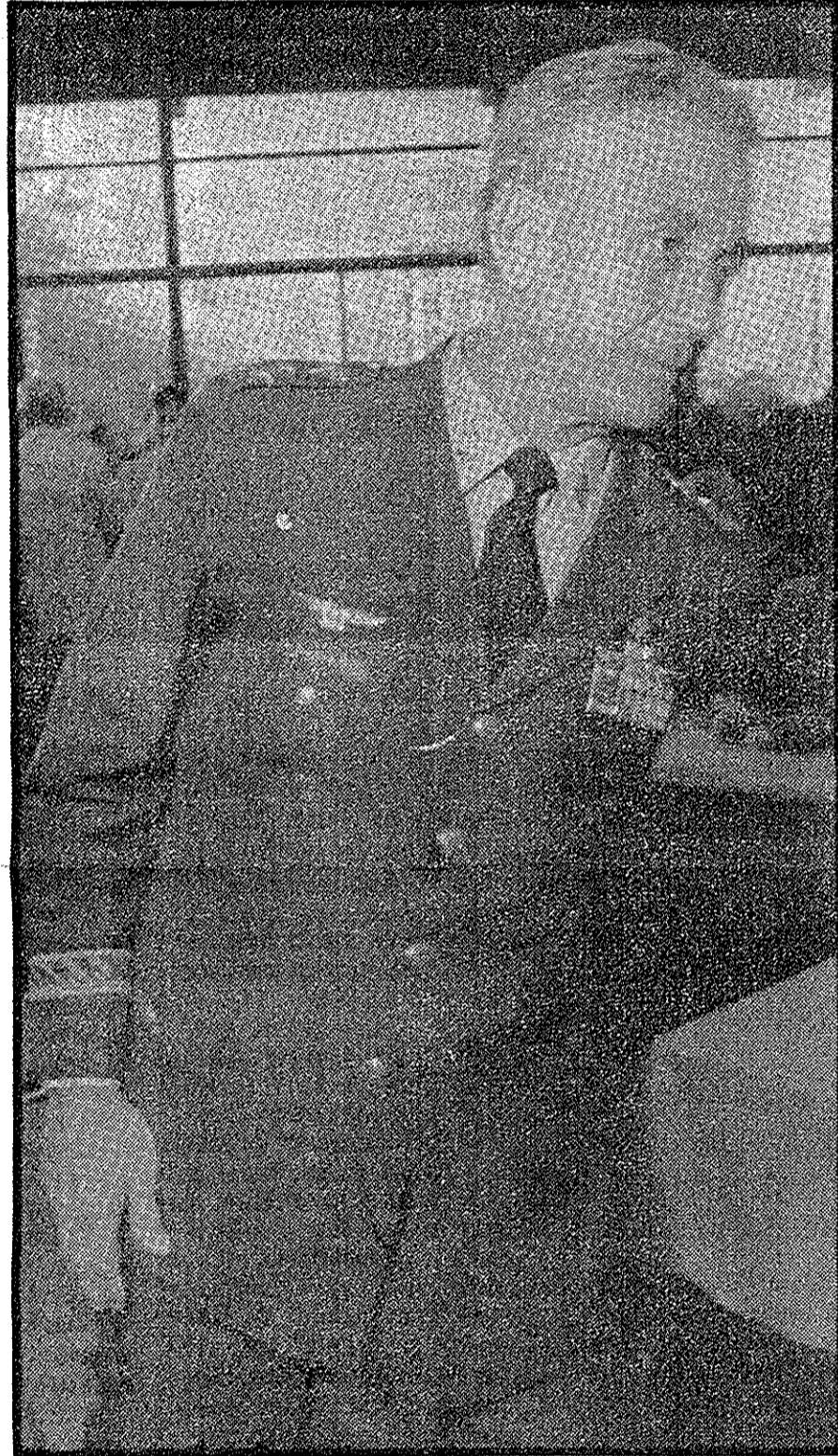


“Golpe levaria país à guerra civil”

□ Aos 62 anos, o brigadeiro Ivan Moacyr da Frota encerrou sua carreira militar na quinta-feira passada e imediatamente se lançou a um novo desafio: salvar o Brasil do caos. Com uma disposição messiânica, ele imagina sacudir a nação com uma pregação contra a desordem, a incompetência e a corrupção. “O país está pedindo socorro”, diz o Brigadeiro ao explicar sua decisão de criar o Movimento de Democracia com Dignidade, com o qual pretende reunir os 320 mil militares de reserva numa cruzada pela reconstrução nacional. Numa segunda etapa, revela ele, o MDD atingirá também os oficiais da ativa. O objetivo do movimento é tomar o poder e Frota garante que a intenção é chegar ao Planalto pela via eleitoral. Por outro lado, ele acredita que parte substancial da população deseja a volta do regime militar, descreve uma evolução política similar à que desembocou no golpe de 1964 e reconhece que há militares favoráveis ao fim da democracia. Um golpe poderia levar o país à guerra civil, adverte o brigadeiro, por causa da resistência dos militantes do PT. “Se for necessário ser candidato eu serei”, afirma Ivan Frota, que só pretende confirmar a candidatura no prazo final para a filiação partidária, em outubro. A sua preferência é por um partido pequeno e ele assegura que não tem qualquer compromisso com o PMN e o PSC, que já lhe ofereceram a legenda.

José Roberto Serra



TEODOMIRO BRAGA

— Por que o senhor decidiu desencadear este movimento “pela salvação nacional”?

— Porque este é um momento em que o país está pedindo socorro. Nós estamos perto do caos. Não queremos enxergar quanto perto do caos estamos.

— Por que o senhor diz que o país está próximo do caos?

— Porque ninguém agüenta uma inflação de 30% a 40% com perspectiva de aumentar. É impossível que uma sociedade consiga sobreviver a um processo de deterioração econômica deste tipo. A miséria está aí na rua. Fome, doença, os hospitais caindo aos pedaços. E esta miséria infelizmente é potenciada por incompetência e corrupção, as duas coisas são os dois grandes males do país. O caos é inevitável.

— Então não há saída?

— Só vejo duas saídas: a primeira é um choque econômico e a outra é um movimento deste tipo que eu estou pretendendo fazer. Certamente é o caminho mais difícil, mas é o mais duradouro, porque o choque tem duração de alguns meses.

— O que o senhor pretende com este movimento?

— Uma recuperação nacional. Uma participação de baixo para cima, em que os empresários acabem sendo sensibilizados. Os banqueiros sabem muito bem, e se não sabem deviam se aperceber disso, que eles estão construindo um castelo de cartas, sem estrutura alguma por baixo. Eles estão ganhando rios de dinheiro, mas é um dinheiro escriturário. Daqui a pouco isso não vai valer mais nada, porque o país todo não vai valer mais nada. O que me preocupa é que nosso Congresso não demonstra sensibilidade nem ética com a nação como um todo. A gente sente que essas decisões, essa pressão sindical que estamos vendo na televisão é uma pressão nitidamente eleitoreira, que quer destruir uma estrutura para poder provar que a dele é melhor, que a dele vai sobreviver. Cuidado, pode não sobreviver ninguém.

— Por que o senhor diz isso?

— Porque acho que o descontrole econômico leva a um desajuste social de dimensões imponderáveis, e a gente de repente não sabe o que pode acontecer. E é por isso que precisamos de Forças Armadas fortes, porque esta é a última cidadela. No final, quando tudo mais perder o controle, pelo menos restarão as Forças Armadas.

— Este não é o cenário de um golpe militar?

— Eu digo até que não é bem o cenário de um golpe militar, eu digo que seria uma revolução do povo. O povo já está perdendo o controle, porque não respeita mais as instituições, essa que é a verdade. De repente, vamos ter uma desobediência social coletiva total, o caos. E o meu medo é de que o país se subdivida.

— O senhor traça uma situação de muita convulsão social, em que as Forças Armadas intervêm, que lembra muito o cenário de 1964.

— Eu digo o seguinte: tem duas maneiras de as Forças Armadas participarem. As Forças Armadas atuando ainda sob o comando institucional do país ou as Forças Armadas funcionando como ato próprio, elas mesmas estabelecendo as normas e as regras. Eu acho que ainda estamos na primeira fase, que teve como exemplo a atuação das Forças Armadas na conferência mundial de ecologia realizada no Rio, em 1992, que mostrou como um pequeno movimento das Forças Armadas regulares conseguiu por um período uma espécie de oásis de segurança extraordinário. Aquilo para mim funcionou como um exemplo de que a gente ainda tem um último recurso para segurar qualquer tipo de descontrole social neste país.

— Há risco de golpe militar?

— Não, o momento que estamos vivendo e a própria sociedade têm uma situação diferente de 64. Eu sinto que se fizessem uma pesquisa honesta perguntando “Você quer a volta do regime militar?”, não é nem um regime militar, mas a volta daquele, nós teríamos surpresas grandes. Porque, bem ou mal, de 64 a 85, foi uma época que vivemos em que as coisas não estavam piores do que estão hoje, essa que é a verdade.

— O senhor acha que a maioria preferiria a volta dos militares?

— Eu não sei se seria uma maioria definida, mas acho que seria substancial o valor da opinião que poderia desejar a volta de uma ordem militar. O que não seria bom para nós, não seria bom para os militares, não seria bom para o país. Nós temos que encontrar uma saída dentro da democracia, em toda a extensão da palavra, e com dignidade. Entretanto, o que nós estamos precisando muito é de governos com mais autoridade. Quando me perguntam se um presidente militar resolveria, eu digo: não é um presidente militar, pode ser um presidente de origem militar.

Bancos

Os banqueiros sabem muito bem que estão construindo um castelo de cartas, sem estrutura alguma por baixo

Salários

Essa pressão sindical é nitidamente eleitoreira, que quer destruir uma estrutura para poder provar que a dele é melhor

Segurança

A Rio-92 mostrou que as Forças Armadas são um último recurso para segurar o descontrole social neste país

Internacional de Energia Atômica, que está na mão dos EUA.

— O senhor acha, então, que o acordo nuclear com a Argentina foi um mau negócio para o país?

— Foi um péssimo negócio, e o povo não sabe disso. Nós fomos pressionados a aceitar isso, e o governo Collor aceitou, mas o Congresso ainda não assinou. Eu digo que duas vergonhas nacionais são as reservas indígenas na linha de fronteira, e isso é um absurdo inaceitável, por mais que o [senador Jarbas] Passarinho queira justificar isso. A maior decepção da minha vida é que o Passarinho tenha sido o pai disso.

— Por quê?

— Porque com a reserva indígena na linha de fronteira nós perdemos totalmente o controle sobre a soberania do país, porque aquilo de repente é um território liberado. É a reserva ianomâmi e a reserva tumucumaqui, na fronteira com a Guiana. E nós corremos grandes riscos de perder essas duas áreas. Daqui a pouco os mapas americanos vão aparecer com aquela área riscada, como se fosse uma área especial. E depois, com muita tranquilidade, a linha passa a correr por baixo, e não por cima, e a gente perde o território. Isso são perigos que a gente corre.

— E a Amazônia?

— Na verdade, nós já estamos perdendo a Amazônia. Aquilo é uma terra difícil de se controlar, e todos os indivíduos penetram ali tranquilamente. Temos que instalar logo um sistema de cobertura de radar na Amazônia, porque tem estrangeiro à vontade andando por ali.

— Como o senhor vê a presença de tropas americanas na Guiana?

— Com muita preocupação. É lógico que eles estão se adestrando para a possibilidade de intervir lá eventualmente. A estratégia das Forças Armadas americanas é intervir em qualquer lugar em curto prazo e já têm o beneplácito do Congresso para isto. Existe o perigo de acontecer uma coisa dessas? Eu não tenho dúvida de que existe. De repente, uma força militar pode intervir numa região dessas, ocupar a área ianomâmi, com o beneplácito da ONU e dessas entidades internacionais que estão nas mãos dos americanos, dos países ricos.

— Existem militares que defendem o golpe como a solução para a crise que o país atravessa?

— Eu acho que no Brasil hoje tem muita gente que pensa assim. Eu não sou desses, eu sinceramente não acredito que isso possa resolver. Digo até o seguinte: a curto prazo, traz soluções, mas não são duradouras e elas se deterioram com uma rapidez muito grande. Agora, nós temos muita gente, certamente, inclinada a uma solução deste tipo, tanto no meio civil como no meio militar.

— E nas Forças Armadas é grande o número de pessoas que acham que esta é a melhor solução?

— Dizendo com toda a honestidade, eu não acho, não. Mas eu acredito que indivíduos poderiam aderir a um movimento deste tipo, talvez numa quantidade maior do que a gente poderia pensar, e repito: tanto no meio militar quanto no meio civil. Eu acho que nós estamos num momento neste país em que um golpe militar poderá dar certo, no sentido de ser bem sucedido, sem derramamento de sangue, sem coisa nenhuma, ou poderá ser o estopim de um problema que nós nunca tivemos antes.

— Por quê?

— Porque o PT é muito organizado, e o PT hoje na verdade é quase um exército, de indivíduos que são tão comprometidos que dão dinheiro do próprio bolso para a sobrevivência do partido. Então, esse é um negócio muito sério. O indivíduo adquire uma afeição, de defesa, como se estivesse defendendo seus próprios interesses. Apesar de o PT não ter nenhuma organização militar, não tem soldado, nem armamento, ele seria a base de uma estrutura de oposição que poderia levar este país para uma guerra civil.

— O senhor acha então que o PT resistiria ao golpe?

— Eu acho que sim. E a opinião pública e a imprensa estão muito mais esclarecidas sobre esse comportamento autoritário. Acho que seria um risco perigosíssimo para o país. Agora, as coisas acontecem, mudam de feição com uma velocidade muito grande. Somente um movimento parecido com o de 64, mas em proporções muito grandes, de um reclamo maciço da opinião pública, poderia levar este país a um golpe. As Forças Armadas não tomam atitudes sozinhas. Elas sempre tomam atitudes empurradas pelo povo, a história sempre foi essa.

— E esse inconformismo que o senhor tem em relação ao país e em particular com o sucateamento das Forças Armadas é generalizado entre os militares?

— Não é um inconformismo, não é revolta, é uma constatação.

— O senhor propõe uma possível candidatura sua à Presidência?

— Eu não proponho isso, mas não afasto essa hipótese. E não precisa ser eu, pode ser um outro qualquer. O que o Brasil está precisando é de um governo com mais competência e com mais autoridade, porque é um momento difícil em que as coisas não podem ser resolvidas com pusilânimidade.

— O que é necessário mudar neste quadro que está aí para que se consiga a recuperação nacional?

— Em primeiro lugar, até hoje não conheço um planejamento de governo objetivo que possa estar sendo seguido no momento. Nos últimos tempos, eu sinto que nossos governantes estão sempre atrasados nas suas decisões, e correm atrás de fatos já consumados, atropelados pelo processo. Nós precisaríamos passar a comandar o processo. Eu acho que o nosso Congresso precisava sofrer um trabalho de depuração, o que não vai acontecer sem leis eleitorais mais rígidas no que diz respeito à seleção de candidatos para ocupar posições no Congresso.

— Qual será o lema do seu movimento?

— Eu já lancei o lema. É vencer, vencer e vencer. Não existe hipótese de a gente perder, ou abdicar ou desistir. E quem quiser, quem sentir que pode me acompanhar, vamos lá. Agora, quem não quiser vai ficar para trás.

— Quando o senhor terminará este movimento?

— Eu só termino este movimento depois que eu morrer ou depois que eu mudar o país.

— Esta sua decepção com o Congresso é generalizada nas Forças Armadas?

— Eu acho que é generalizada no nosso

país. Aquela história de é dando que se recebe, meu Deus do céu, é uma das piores coisas que eu já vi, pior que aquela história da Lei de Gerson, de tirar vantagem em tudo. Eu sinto vergonha dessa compra e venda de favores. O sujeito mercantiliza o interesse da nação. Isso é um absurdo, a gente tem que virar isso tudo.

— Que tipo de democracia o senhor defende?

— Uma democracia que não sirva de justificativa para um Congresso que só pensa em legislar em causa própria, ou um Judiciário que só toma decisões absurdas como as que a gente tem visto por aí, ou esse Executivo inseguro, lento. Tem que ser uma democracia que não sirva também de pretexto para que interesses internacionais penetrem no nosso país livremente. Essa é outra coisa, nós não temos normas. Nós achamos que democracia é qualquer um fazer o que quiser aqui dentro. Aliás, os países ricos, os países poderosos, adoram o sistema democrático, por isso ele abomina os sistemas totalitários, porque não deixam eles entrarem, não há espaço.

— Que ameaça externa tão grande ao Brasil é essa?

— O Brasil tem que participar do processo internacional, mas como parceiro, e não como escravo. O Brasil sofre hoje as consequências das pressões internacionais, não deixam a gente andar para a frente no campo tecnológico. Na área nuclear, por exemplo, quando conseguimos colocar a cabeça de fora, forçaram um recuo. O presidente Collor acabou cedendo, nos forçou a fazer um acordo binacional com a Argentina, fazer uma agência binacional de energia nuclear. Mas eu sabia que não ia parar aí. O que eles fizeram? Nos forçaram a aceitar a fiscalização da Agência

Vergonhas

Duas vergonhas nacionais são o acordo nuclear com a Argentina e as reservas indígenas na linha de fronteira

Amazônia

Já estamos perdendo a Amazônia. Temos que instalar logo um sistema de radar, porque tem estrangeiro à vontade por ali

Golpe

Somente um movimento parecido com o de 64, mas em proporções muito grandes, poderia levar este país a um golpe